

## **Divisão dos ativos da Oi vai concentrar ainda mais as telecomunicações no Brasil, pode prejudicar os serviços e aumentar os preços para os consumidores**

*TelComp, entidade que reúne mais de 70 operadoras no país (além de outras entidades e empresas), está recorrendo aos órgãos reguladores para que o negócio não prejudique a concorrência no mercado de Telecom e não comprometa o acesso das empresas médias e pequenas aos espectros de ondas da telefonia móvel*

**São Paulo, 14 de abril de 2021** - A TelComp - Associação Brasileira das Prestadoras de Serviços de Telecomunicações Competitivas, que reúne mais de 70 empresas de Telecom em todo o país, quer modular a compra da unidade de telefonia móvel da Oi, pelas empresas Claro, Tim e Vivo, para que a concentração de mercado, que já é extremamente elevada no Brasil, não fique ainda maior e cause prejuízos às demais operadoras do setor.

Por meio de recursos aos órgãos reguladores, a TelComp quer ser admitida como parte interessada no processo de aprovação da compra da Oi Móvel, considerando imperativo que as pequenas e médias empresas de Telecom participem das discussões e estudos para a formatação do negócio, para garantir a concorrência neste mercado que é altamente estratégico para o desenvolvimento do país.

A proposta de “fatiamento” da Oi foi elaborada pelas três maiores empresas de Telecom do Brasil (Claro, TIM e Vivo, que já dominam 97% do setor) sem qualquer consulta ou previsão de conter critérios justos de concorrência, tem potencial para comprometer a atuação das MVNOs (operadoras que não possuem redes próprias), as quais respondem por uma parte significativa do mercado corporativo, por exemplo.

“Não se trata de querer impedir o negócio, mas, entender e participar da elaboração das condicionantes do contrato final, para que haja a devida proteção dos interesses das pequenas e médias empresas do setor. Na forma como está sendo apresentada para análise dos órgãos reguladores, sem um fator que limite a concentração, regule e garanta o acesso de outras operadoras menores no mercado, a compra e divisão dos ativos móveis da Oi resultará em graves riscos para usuários, corporativos ou individuais, porque apenas 3 empresas vão definir preços, produtos e até sobre novos investimentos em infraestrutura. Elas também podem elevar o custo de acesso ao espectro de onda de forma indiscriminada e inviabilizar a existência de outros players, as MVNOs”, explica Luiz Henrique Barbosa, presidente da TelComp.

Segundo o executivo, a concentração de mercado também poderá se refletir na operação fixa, porque ao ampliar o tamanho do portfólio das compradoras, lhes darão ainda mais poder sobre o bolso dos consumidores, por meio da criação das chamadas vendas casadas. De acordo com dados oficiais da própria Anatel, 97% das linhas de celular do país estão nas mãos dos três grandes grupos de telecomunicações.

Entre os efeitos anticompetitivos apontados pela TelComp, destacam-se:

- A concentração ainda maior da infraestrutura das frequências de Telecom nas mãos das 3 maiores empresas, vai dificultar ainda mais as atividades das MVNOS (operadoras que não possuem redes próprias) e, por conseguinte, diminuirão as opções para os consumidores na escolha de seu prestador de serviços de telefonia móvel;
- A competição desigual, já que a atual operação permitirá o fatiamento da quarta maior operadora de telefonia móvel do país, concentrando, segundo dados oficiais da própria Anatel, mais de 97% das linhas de celular nas mãos de apenas três grandes grupos de Telecom;
- Possibilidade de piora da qualidade dos serviços, considerando que, atualmente, as 3 maiores empresas (Claro, TIM e Vivo) já lideram as reclamações dos usuários nos órgãos de defesa do consumidor. Esta situação corre o risco de se perpetuar no Brasil, e até tornar sem efeito todos os possíveis benefícios que a chegada do 5G trará para o setor de Tecnologia da Informação e para a internet;
- Possibilidade de volta da “venda casada” dos serviços, em prejuízo ao interesse e ao direito do consumidor, já que as grandes empresas de Telecom também estão entre os principais players nacionais em internet, telefonia fixa, TV por assinatura e outros serviços de streaming e conteúdo;
- Dificuldade para a entrada de pequenas empresas que tenham interesse em atender regiões mais afastadas dos grandes centros e, por isso, menos lucrativas, condenando uma parte considerável da população a não ter acesso à internet ou pagar muito mais caro pelo serviço.

“A TelComp vai recorrer a todos os órgãos de defesa concorrencial e regulatória, para proteger a concorrência e a competitividade no mercado de Telecom, hoje controlado por um oligopólio. Mas, nós não queremos impedir o negócio de compra da Oi; apenas pedimos que as instituições estabeleçam critérios e regras para a preservação do interesse dos consumidores, que está na existência de mais operadoras em todo o país”, finaliza Luiz Henrique.

#### **Sobre a TelComp**

Fundada em janeiro de 2000, a TelComp reúne mais de 70 operadoras de telecomunicações e atua para promover a competição como alavanca para o desenvolvimento do setor. É uma entidade plural que representa os interesses de operadoras de telefonia fixa e móvel; banda larga e acesso à internet; TV por assinatura; data centers e serviços corporativos. Sua reputação institucional foi construída ao longo dos anos, a partir da coerência de seus posicionamentos na defesa de teses importantes para o fomento à competição e o desenvolvimento das telecomunicações, a espinha dorsal da economia digital. Com legitimidade reconhecida pelo Supremo Tribunal Federal, é interlocutora no setor, representando suas Associadas perante os Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário e, em especial junto a Anatel, assim como Ministérios, Congresso, Governos Estaduais e Municipais, Tribunal de Contas da União e o CADE.